

## **O nascimento da criança deficiente: impactos sobre o psiquismo materno**

**Cynthia C. Tannure<sup>1</sup>**

### **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo estudar, a partir da perspectiva kleiniana, os impactos do nascimento de uma criança portadora de deficiência mental no psiquismo materno. A angústia desencadeada na mulher decorrente deste nascimento será analisada a partir da experiência edipiana arcaica, período em que são cultivadas fantasias de destruição ao corpo materno responsáveis pelo temor, que acompanha a menina ao longo do seu desenvolvimento, de ter sua feminilidade destruída.

**Palavras-chave:** maternidade, feminilidade, deficiência, desamparo.

## **El nacimiento de del niño deficiente: impactos sobre el psiquismo materno**

### **Resumen**

Este trabajo tiene como objetivo estudiar, a partir de la perspectiva kleiniana, los impactos del nacimiento de un niño portador de deficiencia mental en el psiquismo materno. La angustia desencadenada en la mujer, que decurre de este nacimiento, será analizada a partir de la experiencia edipiana arcaica, período en que son cultivadas fantasias de destrucción al cuerpo materno responsables por el temor, que acompaña a la niña al largo de su desarrollo, de tener su feminilidad destruída.

**Palabras-llave:** maternidad, feminilidad, deficiencia, desamparo.

## **O nascimento da criança deficiente: impactos sobre o psiquismo materno**

**Cynthia C. Tannure**

Este estudo busca elucidar as repercussões do nascimento de uma criança portadora de deficiência mental no psiquismo materno. Para tal, recorreremos à teoria desenvolvida por Melanie Klein sobre o Édipo arcaico, relacionando os temores e ansiedades presentes neste período da vida à experiência da maternidade na idade adulta.

O Édipo arcaico tem seu início na época do desmame, quando a perda do seio, somada às frustrações impostas pela mãe durante a higiene e à ascendência dos impulsos

---

<sup>1</sup> Psicóloga, mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, desenvolvendo a dissertação "Um psiquismo materno também portador de necessidades especiais?". Orientadora: Dra. Cassandra Pereira França.

genitais, levam a menina a se afastar da mãe e ir em busca de um novo objeto para a sua satisfação. Seu interesse volta-se então para o pênis do pai, com o intuito de receber dele a gratificação oral recusada pelo seio. O pênis do pai é, a princípio, fantasiado como estando contido no interior do corpo da mãe, entrelaçado ao genital desta em permanente relação sexual. Esta primeira fantasia do período edipiano, chamada por Klein de “figura dos pais combinados”, refere-se às representações iniciais que o bebê faz de seus pais em relação um com o outro. A fantasia de que a mãe introduz o pênis do pai em seu corpo e lhe dá o seio desperta na menina sentimentos de inveja e ódio por se ver frustrada por ambos os genitores. O ódio e a inveja produzem o desejo de destruir e roubar o interior do corpo materno (seus bebês, as fezes, o pênis), por meio de ataques sádicos, para que a mãe fique privada do seu conteúdo.

Para Klein (1928), estes ataques sádicos dirigidos ao corpo da mãe despertam o temor de que ela os retribua destruindo a capacidade da menina de ter filhos, através da destruição dos seus órgãos reprodutores ou dos seus próprios bebês. Desta forma, estes ataques terão como consequência o medo da retaliação ao interior do seu próprio corpo, de que este seja roubado e destruído. Para a menina, esta será a situação de angústia mais profunda que irá acompanhá-la ao longo de sua vida, enfraquecendo sua esperança de ter filhos.

Segundo Melanie Klein (1932), um filho na idade adulta representa, para a mulher, a possibilidade de atestar a integridade de seus objetos bons internos, bem como a integridade próprio interior do seu corpo. Além de representar um “bom” conteúdo interno, o filho representará para a mulher “o desmentido da realidade a todos os temores oriundos de suas fantasias sádicas” (KLEIN, 1932, p.301). Ao representar um objeto bom, o filho invalida os temores da mulher acerca de sua feminilidade.

O nascimento do filho, em seu inconsciente, não significa tão somente que o interior de seu corpo e os bebês imaginários se encontram ilesos e novamente perfeitos, mas vem invalidar todas as classes de temores associados com crianças. Ele demonstra que os bebês no interior de sua genitora (seus irmãos e irmãs) e o pênis do pai (ou o pai), que foram vítimas de seus ataques imaginários, assim como sua própria mãe estão ilesos e novamente restabelecidos em sua integridade (KLEIN, 1932, p.301).

Quando, na vida adulta, a mulher dá a luz a uma criança com problemas, seu temor de ter a feminilidade atacada se renova, e o filho ao invés de representar um objeto bom que apazigua as ansiedades infantis, passa a representar para ela um mundo interno habitado por objetos persecutórios e vingativos. De acordo com esta perspectiva teórica, o nascimento de uma criança portadora de deficiência reativa, na mulher, a angústia primordial vivida no Édipo arcaico de ter o interior do corpo danificado, atestando, assim, a eficácia dos ataques sádicos infantis.

Klein (1932) afirma que, enquanto o filho sadio pode ajudar a mulher a combater seus temores, concernentes aos ataques sádicos feitos aos seus objetos na infância, um filho que não é considerado sadio ou normal pode perturbar o seu equilíbrio psíquico. Segundo esta autora, este filho poderá ser encarado como um inimigo ou um perseguidor. Quando isto acontece, a mulher terá a sensação de ter sido castigada e de ter perdido seus objetos bons internos. Diante desta situação, haverá um desamparo muito parecido com aquele vivido nos primórdios da vida.

Segundo Klein (1957), o ser humano, logo após o nascimento, experimenta ansiedades de fontes internas e externas. A fonte interna de ansiedade é a pulsão de morte, que gera o medo de aniquilamento e a ansiedade persecutória. A fonte externa de ansiedade encontra-se na experiência do nascimento, em que a dor e o desconforto sofridos pelo bebê são sentidos como um ataque realizado por forças hostis. Assim, ao nascer, o ser humano está tomado pela angústia de ser destruído por sua própria pulsão e por uma influência externa que ele sente ser hostil. Esta angústia de aniquilamento vai sendo apaziguada à medida que as experiências repetidas de satisfação com os objetos oferecem a sensação de segurança contra a destruição. Desta forma, quando um objeto bom está ausente onde se esperava sua presença para apaziguar a sensação interna de destruição, o que ocorre é o desamparo diante da pulsão de morte. Assim, quando um filho adquire a representação de um objeto “mau” e perseguidor, quando deveria representar um objeto “bom”, a mulher vive uma situação de desamparo.

O desamparo e o vazio provocados pela sensação de ausência de objetos bons podem ser exemplificados através da experiência de mães que relatam que, muito antes da gravidez, já possuíam um temor de ter um filho deficiente, cuja origem não sabiam explicar. Os primeiros impactos provocados pelo nascimento do filho deficiente são um

profundo desespero, luto e vontade de morrer. O relato destes impactos sugere que este nascimento traz a sensação de concretização das fantasias arcaicas de destruição, deixando-as por muito tempo com um sentimento de vazio, como se algo lhes tivesse sido tirado.

O desamparo e o vazio vividos pela ausência de objetos bons instauram a dor e o desespero psíquico. Desta forma, é possível compreender quando Klein afirma que um filho que não é considerado sadio perturba o equilíbrio psíquico da mulher. Quando o psiquismo está dominado pela sensação de ser habitado por objetos persecutórios e pela angústia de aniquilamento, a relação da mulher com sua criança e com as pessoas, de modo geral, será dominada pela desconfiança. Haverá desconfiança acerca da permanência do amor dos objetos, uma perturbação da própria capacidade de amar (havendo a presença constante de sentimentos de raiva em relação ao filho) e um afastamento social em razão do temor de ser hostilizada, uma vez que os objetos estão sob suspeita, por serem sentidos como persecutórios. Estas mulheres parecem temer a hostilidade das outras pessoas como se estas últimas fossem acusá-las pela deficiência do filho, pois é assim que elas parecem se sentir, responsáveis pelo que aconteceu, como se a deficiência fosse sentida inconscientemente como a prova de um crime praticado na infância.

Estudos psicanalíticos sobre o drama edípiano mostraram que, em nossa infância tramamos cometer os piores crimes que alguém pode ser acusado: o parricídio e o incesto. Tais crimes, apesar de não terem sido cometidos permaneceram como desejos e por isso fazem com que nos sintamos culpados. Talvez possamos acrescentar a esses dois crimes um terceiro, o da destruição feroz à criatividade da mãe e aos bebês que ela gerou ou poderia gerar. Essa destruição também não se realizará, mas o desejo infantil de destruir é o próprio crime, que na idade adulta oferece sua prova à mulher através do nascimento de um filho deficiente. Para fazer frente ao sentimento de culpa decorrente deste desejo de destruição e à própria destrutividade, as mães das crianças deficientes farão, com certa frequência, uso de dois mecanismos defensivos: a negação e a formação reativa.

A negação é um mecanismo primitivo de defesa que consiste na fantasia de aniquilar certas percepções, partes do ego ou uma determinada realidade psíquica que perturba a relação com o objeto, como também busca negar a importância dos objetos

amados e incorporados pelo ego. Quando a importância dos objetos amados é negada, a relevância de sua perda também será diminuída, assim como o sentimento de culpa que advém dela.

Quando a mulher tem um filho deficiente, muitas vezes ela negará a deficiência deste, por ser para ela uma realidade penosa. Quando isso ocorre haverá, para a mãe uma expectativa de que esse filho possa desempenhar tarefas que estão muito além de sua capacidade real, ou então haverá a ilusão de que a deficiência seja algo passageiro e passível de cura. Sendo assim, esse filho muitas vezes será submetido a vários exames ou a consultas com diversos profissionais, na esperança de que se obtenha um outro diagnóstico. Em muitos casos, algumas famílias abrem mão de seus bens materiais para arcar com as despesas destes exames, médicos e medicamentos que trazem para elas alguma esperança de cura.

Apesar da ilusão criada em torno da cura do filho, a rotina de levá-lo várias vezes durante a semana a diversos profissionais para estimular o seu desenvolvimento, as complicações com as quais a criança nasce, precisando submeter-se precocemente a cirurgias, assim como a presença de traços de uma síndrome ou de atitudes “estranhas” colocarão em suspensão, temporariamente, a defesa da mãe sob a forma da negação.

Como forma de atenuar o sofrimento e a raiva produzida pelo nascimento de uma criança deficiente, outro recurso defensivo utilizado será a formação reativa, que transforma o afeto representativo de um perigo pulsional em seu oposto. Assim, a ira é substituída por um amor extremado, superprotetor, que faz com que a mãe assuma quase sempre todos os cuidados referentes ao filho e passe a nutrir uma crença de que somente ela é adequada para cuidar dele. Desta forma, mesmo que muitas vezes ele frequente uma escola ou tratamento, esta crença instala dúvidas quanto à competência daqueles que lidam com a criança. Como consequência disso, vemos que muitas dessas crianças têm grandes dificuldades de ficarem sozinhas com o profissional no tratamento, mesmo quando já possuem muito tempo de contato com ele.

A culpa e a raiva vividas nessa situação poderão ser enfrentadas na medida em que a confiança nos objetos externos e internos for recuperada. Segundo Melanie Klein (1940), as experiências gratificadoras com os objetos auxiliam a realizar o teste de

realidade e funcionam como uma prova de que o objeto amado não está ferido, nem se vingará dos ataques sofridos, e assim, a ansiedade persecutória vai sendo abrandada. Desta forma, o teste de realidade faz com que a pessoa perceba que, apesar das fantasias de destruição, os objetos e o amor que eles oferecem podem ser mantidos, assim, a realidade externa permite que a realidade interna seja testada. “Ao ser amado e sentir prazer e conforto junto a outras pessoas, sua confiança na bondade dos outros e de si mesmo é fortalecida” (KLEIN, 1940, p. 389).

A percepção da mãe acerca do amor das outras pessoas pela criança deficiente parece ser um fator importante para ajudá-la à recuperar a confiança nos objetos bons. Quando os objetos externos mantêm uma atitude amistosa, eles podem auxiliar na reconstituição da confiança neles, o que, por sua vez, contribui para que a mãe de uma criança deficiente volte a confiar em si mesma. Outro fator que colabora para a retomada desta confiança é o desenvolvimento do filho, que mostra que nem tudo nele está “danificado”. No entanto, o que mais parece contribuir para ajudar a mulher a ter a sensação de que seus objetos internos estão ilesos é a sua capacidade de gerar filhos considerados normais. Isso parece lhe devolver a sensação de normalidade referente ao interior do seu corpo.

Quando a confiança na bondade dos objetos é recuperada, a pessoa pode enfim se entregar a um trabalho de luto por não ter tido um filho considerado normal e enfrentar a culpa por sua própria destrutividade. Desta forma, será possível dar início a um trabalho que Klein chamou de reparação: um mecanismo que consiste em restaurar e recriar os objetos internos e externos.

A reparação é uma tentativa de reconstruir o mundo interno, apacando a ira dos objetos infantis, e fazendo, desta forma, com que a persecutoriedade e a angústia inicial frente a sensação de perda dos objetos bons internos possam dar lugar a um certo apaziguamento. A reparação pode ser percebida na tentativa de embelezar os bebês reais e imaginários, tentativa esta que, segundo Klein (1932), representa a angústia de ter o corpo possuído por objetos maus. Podemos considerar que aquelas mães que buscam estimular o desenvolvimento do filho deficiente para que ele se aproxime mais de um desenvolvimento considerado normal, ou para que alguns traços de uma síndrome que o

filho tenha se tornem mais discretos (como no caso da projeção da língua em portadores da síndrome de Down, que produz incômodo em algumas mães), estão tentando, através destas ações, fazer reparação.

Tentativas de fazer reparação estão presentes também quando a mãe de uma criança deficiente muda sua escolha profissional e opta por fazer um curso que vá ajudá-la a compreender e estimular melhor o desenvolvimento do filho, ou então quando uma mãe abre uma instituição especializada, ou ainda quando escreve um livro que conta a história de seu filho, com o intuito de ajudar outras famílias que passam por uma situação semelhante. Enfim, são inúmeras as possibilidades de reparar os danos imaginários causados ao objeto.

Estas ações são importantes para o restabelecimento da acalmia interna e consistem em uma tentativa de superar o desamparo causado pelo nascimento de um filho deficiente. Uma vez que os objetos são sentidos como ilesos eles podem repovoar o mundo interno. “Quando a segurança no mundo interno é gradualmente retomada, e os sentimentos e objetos internos voltam a ganhar vida, os processos de recriação têm início e a esperança surge novamente” (KLEIN, 1940, p.402).

#### Referência Bibliográfica

- KLEIN, Melanie. O luto e suas relações com os estados maníacos-depressivos. In: *Amor, culpa e reparação e Outros Trabalhos (1921-1945)*. Trad. André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996 [1940]. (Obras Completas de Melanie Klein, v.I)
- \_\_\_\_\_, Melanie. *Psicanálise da Criança*. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1981 [1932].
- \_\_\_\_\_, Melanie. *Contribuições à Psicanálise*. Tradução: Miguel Maillet. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1981 [1948].
- \_\_\_\_\_, Melanie. *Inveja e Gratidão. Um estudo das fontes do inconsciente*. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974 [1957]. (Coleção Psicologia Psicanalítica).

Dados da autora:

Nome: Cynthia C. Tannure

E-mail: [cynthiatannure@ig.com.br](mailto:cynthiatannure@ig.com.br)

Telefones: (31) 3481-9958 / 9941-7226

Endereço: Rua Teixeira Soares, 937, apto. 305 Bairro Santa Tereza BH MG

Cep:31015-040